

JENNY ZHANG

Coração azedo

Contos

Tradução

Ana Guadalupe



COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Nós te amamos Crispina, 9
O vazio o vazio o vazio, 49
As mães antes das nossas, 86
A evolução do meu irmão, 162
Meus dias e noites de terror, 199
Por que eles estavam atirando tijolos?, 260
Você caiu no rio e eu te salvei!, 286

Agradecimentos, 331

Nós te amamos Crispina

Na época em que eu e meus pais morávamos em Bushwick num prédio espremido entre uma boca de fumo e outra boca de fumo — sendo que a única diferença entre elas era que os traficantes de uma eram também usuários e bem mais imprevisíveis e na outra os traficantes nunca eram usuários e eram bem mais sensatos —, naquele tempo morávamos num apartamento tão precário de um quarto que acordávamos com baratas achatadas no lençol, às vezes três ou quatro grudadas nos cotovelos, e uma vez encontrei catorze prensadas nas minhas panturrilhas, e não havia charme nenhum em derrubá-las com um chacoalhão, embora buscássemos elegância balançando os braços no ar como bailarinas. Naquela época, se um de nós precisasse dar uma boa cagada, tentávamos segurar e atravessar a rua para ir ao banheiro da estação Amoco, que quase sempre era muito escorregadio por causa dos noias que iam lá e espirravam xixi por todo lado, e, se mais de um de nós sentisse os movimentos de uma bosta descomunal declarando sua intenção de ver o mundo para além do nosso cu, aí estávamos ferrados, porque alguém ia pre-

cisar usar nossa privada permanentemente entupida que não conseguia arcar com mais nada a não ser com tabletes de veneno de rato, e teríamos que revirar nosso estoque de escovas de dente e hashis velhos para quebrar o cocozão tamanho família em pedacinhos menores, já que naquela época éramos pobres demais e irresponsáveis demais até para comprar um desentupidor de vaso e, embora minha mãe e meu pai tivessem adicionado esse item à lista de “coisas que precisamos comprar para ontem ou perderemos a dignidade”, parecia que no final do mês sempre faltavam cem dólares e não conseguíamos pagar toda a conta de gás ou acabávamos devendo vinte dólares para um amigo aqui e dez para um amigo ali e daí por diante, até ficar tudo tão bagunçado que eu pensava que não tinha mais jeito de resolver nossas pendências de verdade, apesar de eu me culpar em segredo por causar todas as nossas derrocadas, tipo daquela vez em que pedi para o meu pai comprar uma casquinha de sorvete com granulado colorido e isso fez com que ele percebesse que eu tinha esperado o mês inteiro para fazer esse pedido e ficasse com tanta pena de mim que resolveu comprar não só uma casquinha com granulado mas também uma tornozeleira de strass de verdade que definitivamente não estava na lista de “coisas que precisamos comprar para ontem ou perderemos a dignidade”, e era nesse ritmo que minha família acabava entrando: numa incapacidade desastrosa e deprimente de pensar no futuro, e era por isso que nunca tínhamos dinheiro para comprar um desentupidor e era por isso que nossas bundas eram duramente castigadas naqueles anos em que nada nunca era simples tipo “vou ali dar uma cagada, volto em trinta segundos”, era mais tipo “estou indo cagar, cadê meu casaco e meu sapato e cadê aquele cachecol mais curto que não vai tocar na privada e cadê aquele rolo de papel higiênico caso o cara indiano tenha esquecido de abastecer o banheiro de novo (ele sempre esquecia)”, e

depois, quando finalmente nos mudamos, quando finalmente saímos daquele buraco, continuou não sendo simples, mas pelo menos podíamos defecar quando desse vontade, e isso não era pouca coisa.

Antes de Bushwick, moramos em East Flatbush (eu e meus pais chamávamos de “E-flat”^{*} porque adorávamos o som do mi bemol no piano e adorávamos reconfigurar nosso mundo sob uma luz mais bonita e melodiosa) por um ano e meio numa ruazinha cheia de fachadas malcuidadas. Sabíamos quem eram todos os moradores da rua, não pelo nome ou por causa de conversas de verdade, mas os conhecíamos de vista e acenávamos e falávamos “oi, oi, oi”, ou às vezes só “oi, oi”, ou “oi!”, mas sempre alguma coisa.

Nossos vizinhos eram gente das ilhas, tinham vindo da Martinica e de Trinidad e Tobago. Um dia, alguns deles confrontaram meu pai só para esclarecer que não eram dominicanos.

— Somos indianos do Oeste — disseram. — Diga a seus filhos.

Meu pai voltou para casa confuso com essa interação como um todo, mas depois eu e minha mãe concluímos que eles provavelmente se referiam aos meninos coreanos idiotas que moravam um pouco mais para baixo e ficavam na frente das casas com bonés de beisebol de aba reta e calças nos joelhos, berrando todos os palavrões patéticos que viessem à mente. Uma vez, quando eu estava andando do ponto de ônibus até minha casa, eles gritaram “yo, é o estupro de Nanquim! É realmente o estupro de Nanquim!”, como se gritar o nome de um crime de guerra horrível pudesse me assustar, sendo que eu tinha nove anos e

^{*} Na língua inglesa, o acorde mi bemol é chamado de “E-flat”. (N. T.)

tinha sido amada a vida toda por pais que prometiam diariamente me proteger pelo resto de suas vidas, e, mesmo que em 1992 eu de fato fosse uma coisa minúscula e medíocre, uma coisa que eu não era de jeito nenhum era uma menina assustada. Aqueles meninos coreanos eram *bullies* que iam acabar mortos ou presos, e eu e meus pais os odiávamos e odiávamos que nos confundissem ou associassem com eles só porque, para todo o resto do bairro, éramos a mesma coisa.

Os martinicanos e os trinidadianos eram aquele tipo de pessoa que se comporta como se a terra natal fosse para sempre um membro perdido e necessário em seus corpos e que causaria dores fantasmas enquanto estivessem vivos e longe de casa, e me incomodava ver como se apegavam ao passado e agiam como se os tempos de outrora fossem melhores do que o que acontecia aqui e agora. Sempre faziam churrasco no verão e se vestiam com cores vivas, como se nossas ruas fossem cercadas de palmeiras e não de lixo e bitucas de cigarro e restos de comida. No fim das contas, porém, passei a admirá-los muito, especialmente as mulheres, porque tinham aquelas bundas maravilhosas que faziam com que o cinto formasse uma letra V esgarçada bem no lugar onde as nádegas se encontravam, e eu ficava seguindo aquele V com os olhos e os homens faziam a mesma coisa, aparentemente eles também nunca enjoavam daquela visão.

Minha mãe não tinha uma bunda dessas, mas chamava atenção mesmo assim. Os homens do nosso quarteirão olhavam minha mãe toda vez que ela passava — olhares fixos, compridos, concentrados. Talvez porque seu cabelo fosse muito liso e comprido e caísse pelas suas costas igual a uma cortina grossa e também porque sua pele era tão branca que me lembrava sorvete de baunilha. Era por isso que eu desenhava casquinhas de sorvete nos braços dela, e ela deixava, porque minha mãe me deixava fazer qualquer coisa que me deixasse feliz.

— O que te deixa feliz deixa a mamãe feliz — ela sempre me dizia, às vezes em chinês, idioma no qual eu não era lá muito boa, mas que tentava falar por causa dela e do meu pai, e quando não conseguia respondia em inglês, idioma no qual eu também não era lá muito boa, mas supunha-se que eu ainda podia melhorar em qualquer uma das línguas, já meus pais não, eles tinham entrado num beco sem saída, os dois bloqueados por uma parede, então era minha missão ficar boa de verdade, era minha missão brilhar muito, e isso me assustava porque eu queria ficar para trás com eles, não queria dar nem um passo além do que eles pudessem dar.

Às vezes, eu esquecia o que devia responder depois que ela falava alguma coisa nesse estilo e dizia a coisa errada, tipo:

— O que me deixa feliz é comer sorvete. A sra. Lancaster que se dane. Quem liga se eu não entregar o trabalho? Sei todas as respostas mesmo assim. Ela é uma tonta, mãe.

— Menina azeda — minha mãe dizia. — Se a professora pediu para você mostrar o trabalho, mostre o trabalho. Você não consegue mais falar sem usar essas palavras feias? E, se entendi direito, o que deixa a mamãe feliz não te deixa feliz? É isso mesmo, azedinha?

— Não — eu dizia. — Desculpa, o que eu queria dizer é que o que te deixa feliz também me deixa feliz. Só esqueci de falar.

Eu sempre ficava sem graça quando minha mãe ou meu pai me venciam (mesmo que nunca fosse de propósito) só por serem tão cuidadosos, e eu, em comparação, tão descuidada e egoísta, só pensando em mim mesma quando parecia que todos os segundos de todos os dias meus pais faziam algum sacrifício para melhorar nossas vidas, e, não importava o quanto eu me esforçasse para acompanhar, as coisas se misturavam — era muito difícil registrar cada detalhe, como, por exemplo, o fato de

que meus pais dividiam o mesmo par de sapatos sociais, revezando as agendas para que meu pai usasse de dia e minha mãe à noite, mesmo que os sapatos fossem quatro números maiores que os dela e por isso ela tropeçasse com tanta frequência e ficasse com tantos arranhões pelo corpo.

Muitas vezes eu voltava para uma casa vazia sem nada para me distrair a não ser o desejo pegajoso de encontrar todas as formas possíveis de me sacrificar o suficiente para alcançar meus pais, que se sacrificavam o tempo todo. Mas eu não conseguia nem começar a competir com a minha mãe, que foi demitida do emprego em que fazia donuts depois que passou a noite na rua procurando uma escrivadinha para que eu não precisasse fazer as tarefas da escola no chão ou na cama ou em pé com meu caderno apoiado na parede e encontrou uma escrivadinha linda que era perfeita, a não ser pelas palavras “FODA-SE MAMÃE” que alguém escreveu com spray num dos lados, e que ela arrastou sozinha por vinte e poucos quarteirões e depois ficou cansada demais e não conseguiu acordar na hora certa para ir ao trabalho, e esse foi o motivo pelo qual foi demitida e o motivo para que nunca parasse num emprego porque estava sempre cansada porque precisava cuidar de mim. Ou como é que eu poderia competir com meu pai, que era tão bom em nunca desperdiçar nada, como daquela vez quando eu tinha quatro anos e vomitava tudo o que comia e ninguém conseguia entender nada, se bem que talvez tivesse alguma coisa a ver com o fato de no ano anterior eu e meus pais termos deixado o único país que conhecíamos na vida para vir para este, ou talvez tivesse a ver com aquela vez que tive pneumonia grave depois que minha mãe me vestiu com um lindo vestido azul de rendinha para meu primeiro aniversário nos Estados Unidos em plena nevasca de dezembro sem um casaco decente ou meia-calça e eu precisei passar um mês no hospital apesar de não podermos pagar mais que uma noite,

e a dívida que veio daí foi um dos motivos para que por muito tempo meus pais precisassem ter três empregos e mesmo assim aparentemente não conseguissem sair da pindaíba e dos vários empréstimos — oficiais e não oficiais. Depois do meu surto de pneumonia fiquei péssima nisso de fazer a comida descer, e houve vezes em que meu pai pegou a comida que eu tinha vomitado com uma colher e colocou direto na própria boca para que nem uma migalha de comida fosse desperdiçada, porque naquela época as porções diárias do que podíamos comprar e comer eram bem controladas, e o único jeito de repor a comida que eu tinha vomitado era substituindo a porção de café da manhã ou almoço ou jantar do meu pai pelo meu arroz e legumes e porco regurgitados — era *nesse* nível que ele se dispunha a se sacrificar pela família.

Quando eu voltava da escola (caso tivesse ido à escola nesse dia), às vezes ficava grudada na parede esperando meus pais chegarem à uma da manhã com uma caixa de donuts ou às onze da noite com sobras de macarrão mei fun ou com um par de brinco descascado, na época em que minha mãe trabalhava de costureira para uma mulher chamada Donna, que me mandava uns agradinhos através da minha mãe porque gostava da minha franjinha bufante e do jeito que eu dizia “obrigada” um milhão de vezes quando ia com minha mãe para o trabalho, e, naquelas seis ou sete horas de espera sozinha no apartamento, ficava pensando em como mostraria à minha mãe e ao meu pai que eu também fazia parte daquela máquina incrível e complexa que nos salvava do desespero total e absoluto que coincide com aquela hora em que tudo desmorona.

Mesmo que minha mãe fosse a soma de tudo que você espera de uma pessoa, meu pai já nasceu secando as mulheres e ia

morrer revirando os globos oculares, sempre numa procura frenética por mulheres bonitas, ou pelo menos foi isso que minha mãe me falou. Logo depois que fomos despejados do apartamento de Flatbush e encontramos o apartamento de alto padrão de bosta de Bushwick, meu pai começou a sair com uma mulher que conheceu num dos bicos de garçom que fazia num restaurante de noodle onde pegava o turno da madrugada nos fins de semana e feriados.

O nome dela era Lisa e ela era de Taiwan. Não era bonita, não igual à minha mãe, que tinha olhos que refletiam a lua mesmo na luz do dia, não igual à minha mãe, que tinha braços finos e usava vestido o tempo todo, até no inverno, e não igual à minha mãe, que tinha um pescoço comprido e alto que a fazia parecer inacessível; a namorada do meu pai era baixinha, tipo um tronco de árvore cortado ao meio, e tinha um peitão, e era só isso que ela tinha a seu favor. Usava um perfume forte que a fazia cheirar como o sovaco mal lavado de uma pessoa que correu a meia maratona e depois caiu na bobeira de esfregar um ramallete de flores nas axilas para mascarar o fedor, mas é como minha mãe sempre dizia: “Não dá para lavar um cocô com sabão e esperar que fique cheiroso”.

Da primeira vez que ela veio à nossa casa, eu não parava de espirrar porque o perfume dela era muito forte e eu era alérgica a odores artificiais e a piriguetes malucas que não tinham nada que andar por aí com o meu pai. Ele a apresentou para mim como “sua tia Lisa”.

— Ela não é minha tia, pai. — Olhei para a Lisa; aqueles peitões ridículos eram muito caídos e eu queria chutá-los de volta para perto da cara dela. — E não vou me dirigir a ela, muito obrigada.

Ela aparecia às vezes, sempre quando minha mãe não estava em casa, embora minha mãe soubesse e não fosse nenhum

segredo, era só um daqueles arranjos em que uma pessoa faz o que quer às custas de todo mundo. É claro que a Lisa não dava a mínima para mim ou para minha mãe e provavelmente nem para o meu pai, era só uma pessoa absurdamente solitária que precisava invadir a vida dos outros. Ela fingia que era legal comigo quando vinha em casa, às vezes me oferecia um sanduíche e uma vez trouxe um liquidificador e perguntou se eu queria milk-shake e eu disse que era chata para comer, e ela perguntou como assim, e eu disse é que só gosto da comida que a minha mãe faz e odeio a comida que as pessoas que eu odeio fazem, e ela disse ah, então tá, e eu disse esse seu perfume me faz espirrar, sabia?, e ela disse desculpe, mas não posso fazer nada.

Pode sim, sua puta, eu resmunguei.

O que você disse?, ela falou, e depois ficamos em silêncio.

Todas as noites eu rezava para que ela fosse atacada e mutilada no caminho para o nosso apartamento de Bushwick, mas ela sempre chegava sã e salva, arruinando minha tarde quando eu voltava da escola e ela já estava em casa, esperando meu pai aparecer, sentada no sofá de almofada que a gente fingia que era um sofá normal e não só um monte de almofadas jogadas no chão, zapeando os programas de TV e fazendo parecer que queria que eu escolhesse o programa, mas, no mesmo minuto em que eu levantava para comer alguma coisa, ela imediatamente trocava de canal e, quando eu voltava, dizia:

— Pensei que você não queria mais ver aquele programa, então mudei.

Falei para o meu pai que eu detestava ver a Lisa em casa, mas o que eu queria dizer é que detestava a Lisa, ponto final, e ele me disse para fazer um esforço por ele, e eu disse mas por que a Lisa não pode fazer um esforço por mim? Por que eu preciso fazer um esforço por ela?, e meu pai disse não por ela, por mim, e ela bem que tentou, bala azedinha. Ela te trouxe a bicicleta, não foi?

Minha mãe não reclamava da namorada do meu pai. Ele sempre teve namorada, no fim das contas, e eu é que nunca soube das outras porque não sabia de tudo que acontecia entre minha mãe e meu pai, mas minha mãe sabia e aceitava e me disse para não me desgastar com essas coisas, porque tínhamos uns aos outros, ele sempre voltava para casa, ainda nos amava mais do que ninguém, ainda éramos suas meninas número um.

A namorada do meu pai apareceu em nossas vidas no pior momento possível: eu tinha começado o terceiro ano e andávamos totalmente falidos depois que a escola do meu pai fechou e meu pai resolveu que nunca mais ia dar aula e minha mãe perdeu o emprego de recepcionista, isso sem falar na nossa mudança para Bushwick depois que perdemos a fiança do apartamento de East Flatbush graças ao proprietário doido que nos puniu injustamente por não pagar três meses de aluguel porque a mãe da minha mãe na China teve câncer e minha mãe precisou gastar três salários para viajar de avião para ver a mãe nas últimas.

No dia em que nos mudamos de lá, o proprietário ficou o tempo todo espiando pela janela (ele morava no terceiro andar, bem em cima da gente), e eu mostrei o dedo do meio e gritei “tenha um pouco de compaixão, seu pau mole. Nunca conheceu alguém que tenha morrido?”, enquanto meus pais amarravam nossos dois colchões no capô do Oldsmobile vinho.

— Deixa essa minhoca seca pra lá — minha mãe me disse, ajeitando meu cabelo e esticando meus dedos deformados de raiva.

— Odeio ele.

— A gente também, minha maçã azedinha. A gente também. Mas o que passou, passou, azedume. Entendeu? Tudo tem motivo para acontecer. Tudo tem motivo, e a gente precisa ter paciência para descobrir qual é o motivo. Entendeu?

Eu entendia. Mas não sabia o que meus pais sentiam a res-

peito daquelas mudanças tão frequentes. Chegamos a morar em quatro ou cinco lugares num intervalo de poucos meses. A mudança consistia naquilo que desse para enfiar no carro e amarrar na lataria, mas mesmo assim eu não conseguia evitar a empolgação que surgia toda vez que saíamos de um lugar, como se fosse o primeiro dia da escola e eu ainda tivesse a chance de não ser uma tonta, e como se essa chance só existisse no curto intervalo entre minha chegada na nova sala e o momento em que a professora se apresentava e passava a primeira tarefa do ano — era assim toda vez que a gente enchia o carro e começava a dirigir para a próxima casa e para a outra e a outra, e de certa forma não era tão ruim, era um lembrete de que não existe aquilo que chamam de fracasso, só existe começar de novo um milhão de vezes e mais um pouco.

Aí teve um ano, quando eu precisei repetir o primeiro ano porque não tinha feito nenhum dos trabalhos e tinha ido mal em todas as provas porque nessas horas meu maior esforço era desenhar árvores que parecessem brócolis, quando morávamos em Williamsburg, e aquele foi um bom ano porque meu pai tinha encontrado um quarto com cozinha comunitária e banheiro privativo por duzentos por mês e naquele quarto eu dormia no meio dos meus pais todas as noites e acordava com arranhões enormes nas pernas e nos braços porque nasci com uma coceira dos infernos e ia morrer com uma coceira dos infernos a não ser que um mago da criatividade em algum lugar do mundo decidisse inventar um remédio milagroso que me salvasse dessa vida de coceira.

O pior foi quando eu tinha cinco anos e morávamos em Washington Heights num quarto compartilhado que era só colchão e pouco chão, e minha pele coçava como se formiguinhas